

Prosperidade econômica exige uma estratégia nacional

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Jornal UNESP Outubro 2012 - Ano XXII - nº 282, suplemento Fórum.
Entrevista a André Louzas.

Setor competitivo deve ser coordenado pelo mercado, enquanto setor monopolista, pelo planejamento do Estado.

Advogado, administrador de empresas, cientista político e economista. Luiz Carlos Bresser-Pereira tem livros publicados em diversos idiomas, entre eles *Desenvolvido e Crise no Brasil*. Na administração pública, entre outros cargos, foi ministro da Fazenda do presidente José Sarney (19887); ministro da Administração Federal e da Reforma do Estado, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), e da Ciência e Tecnologia (1999) no segundo. Na iniciativa privada, foi diretor administrativo entre 1965 e 1983 do Grupo Pão de Açúcar. É professor EMÉRITO da Fundação Getulio Vargas de São Paulo, tendo também lecionado na Universidade de Paris I (Panthéon-Sorbonne), na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris e na USP. É, ainda, patrono da Associação Keynesiana Brasileira.

1) O que seria, em linhas gerais, o “novo desenvolvimentismo” que o senhor tem proposto?

O novo desenvolvimentismo é uma estratégia nacional de desenvolvimento. É nacional porque seu pressuposto é que, na globalização, os Estados-nação competem economicamente, e só terão êxito aqueles que souberem defender seus interesses nacionais. É uma estratégia, porque afirma que esse desenvolvimento não pode ser deixado por conta apenas do mercado; que o Estado, enquanto instrumento de ação coletiva da nação, tem um papel fundamental na busca dos objetivos de maior bem-estar e menor desigualdade econômica.

Para o novo desenvolvimentismo, as ações do lado da oferta – melhor educação, melhores instituições, uma política industrial estratégica – são necessárias para

aumentar a produtividade, mas o fundamental é garantir uma taxa de investimento elevada, porque o desenvolvimento econômico é o resultado de acumulação de capital com incorporação de progresso técnico. Ora, para aumentar a taxa de investimento, que no Brasil é muito baixa, é necessário que os empresários tenham demanda para os bens e serviços que produzem porque a demanda interna é assegurada por salários que cresçam com a produtividade, e porque é assegurado às empresas tecnologicamente competentes acesso à demanda externa graças a uma taxa de câmbio competitiva. É necessário, também, que o Estado esteja fiscalmente sadio, realize poupança pública, e se responsabilize por cerca de um quinto a um quarto dos investimentos totais.

2) Mas não é necessário primeiro poupar e depois investir? O problema fundamental não é aumentar a poupança nacional?

Esta é a tese dos economistas ortodoxos. Parece razoável. É assim que nós ensinamos às crianças quando lhes damos um “porquinho” para que ali guardem as moedas e aprendam a poupar. Na vida privada isto é muito importante. Mas no plano da macroeconomia, o investimento vem antes da poupança. Se o empresário tiver crédito e tiver demanda que lhe assegure boas oportunidades de lucro, ele investirá mais, a renda crescerá e a poupança crescerá também.

3) Com medidas como o PAC, o governo do Brasil vem assumindo um papel de indutor do crescimento. Como o senhor analisa essa estratégia? O que, na sua avaliação, precisa ser feito?

Para o novo desenvolvimentismo o setor competitivo da economia deve ser coordenado pelo mercado, enquanto que o setor monopolista, pelo planejamento do Estado. O PAC é necessário, como é necessário também o financiamento garantido pelo BNDES, porque é o planejamento do setor monopolista, principalmente pelos investimentos na infraestrutura econômica do país.

4) O país tem expandido seu nível de consumo, mas, ao mesmo tempo, a indústria brasileira dá sinais de estagnação. Como explicar e como superar essa situação?

Não adiante expandir o consumo ou o mercado interno, se, ao mesmo tempo, deixamos a taxa de câmbio apreciada. A taxa de câmbio é geralmente sobreapreciada em países em desenvolvimento que a deixam por conta do mercado ao invés de administrá-la com competência. Foi o que aconteceu com o Brasil. O mercado interno cresceu no governo Lula, mas como o câmbio se apreciou, em pouco tempo esse mercado foi capturado pelos chineses, e a indústria brasileira, que já perdera o mercado externo, perdeu também o interno.